

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

A CONFERÊNCIA NA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, PELO ILUSTRE ESCRITOR DR. ANTERO DE FIGUEIREDO.

(sem indicação de autor)

Ano: 1922 | Número: 32

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), A conferência na Sociedade Martins Sarmiento, pelo ilustre escritor Dr. Antero de Figueiredo. *Revista de Guimarães*, 32 (2) Jul-Set. 1922, p. 234-240.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A CONFERÊNCIA
NA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

PELO ILUSTRE ESCRITOR

DR. ANTERO DE FIGUEIREDO



Transcrevemos do «Comércio de Guimarães» :

«E' bem verdadeiro e justo o elogioso comento que temos ouvido, a propósito das conferencias últimamente realizadas na Sociedade Martins Sarmento, a pessoas de culto entender e desanuviada reflexão: elas marcam, em pequenino mejo como o nosso, embora centro de famosa actividade, riqueza e fidalguia de sangue, de tra-

balho e de carácter, tanto pelo alevantado da forma artística, em que se manifesta a sciência, a poesia, a cultura e o gôsto, a beleza do pensamento na beleza da frase, como pela elegância moral, hoje muito difficil no currelinho fétido de politicâncias onde enquadrámos, e excomungada pelos vezos da má-criação, típica, grosseiríssima, charra, do nosso modernismo; como ainda pelo nome consagrado ao mais alto fastígio, da escolhida elite que nos tem superiormente deleitado.

Raramente a cidade de Guimarães terá sido honrada, no campo espirital e em tam curto praso, com tam nobres visitas, e em cada alma de vimaranense, deslumbrada e comovida, fica, saudável, perdurando a visão do mundo de beleza entrevisto, o eco de doces palavras, o ritmo de sentimentos humanitários e bons, luz de luar, luz de estrêlas, feminino perfume de flores e de sonhos.

Elas realizam, no baço entardecer destes dias de fadiga apreensiva, um verdadeiro milagre de ressurreição dos espíritos. A nossa tristeza aligeira-se em idealismo, a amargura do cansaço toca-se de quebranto scismador, irmanam-se as nossas desavenças e todos nós, ao outro dia, depois daquele serão sanjoaneseo de côres, nas mil irisiações do pensamento, no vago marulhar das eternas torturas, que formam a arte e a sublimizam, somos melhores, mais amigos, e retomamos com nova fé, em rejuvenescida alegria e musculada esperança, o árduo labor.

São de quási frenética ansiedade as arrastadas horas que nos separam do momento querido. Recordamos os que viveram na melhor admiração por quem vamos ouvir. Abrimos as suas obras, relemos as páginas que ficaram célebres na nossa literatura, sem conseguirmos iludir o tempo monótono e preguiçoso.

Aí vieram do inverno à primavera, um sábio e um poeta — o Dr. Gomes Teixeira, que a Universidade de Madrid, no próximo dia 20, vai solenemente doutorar como reconhecimento e preito ao seu génio superior, o Dr. Trindade Coelho, maravilhoso evocador das energias e das inspirações da nossa raça.

Agora, logo, é o prosador insigne — Antero de Figueiredo —, cujo nome, por isso que vem firmado numa obra de incontestados méritos, e a quem devemos algumas horas de êxtase na leitura de trechos formosíssimos, dum pitoresco sadio, dum sentimento maguado e esperançoso, de mavioso lirismo, duma vibração invulgar, nos cativa já e enleia em respeitosa homenagem.

Bem quiséramos traduzir essa homenagem de forma a não apouca-la sendo tam grande o homem illustre a quem ela se dirige. Mas o à última hora em que temos de traçar estas linhas mais embaraça a nossa peca singeleza de jornalistas provincianos e, no coração, achamos preferível guardá-la, para logo o cobrirmos de palmas como se o cobrissemos das flores do nosso respeito e da nossa admiração profunda e grata.»

«A Sociedade Martins Sarmiento continua a seguir a marcha da sua orientação, nova pelo impulso persistente e esforçado que soube dar-lhe, neste período abatido em que as boas vontades se

não juntam e as competências se desbaratam num apartar confuso de errado caminhar.

O fermento é o mesmo, é o antigo, é a lição dos velhos, mas a luta é que é moderna, persistente, forte, sacudida e encorajada de actividade, para poder romper nesta maré-cheia de tumultos ambiciosos e de decantada preguiça de não-te-rales.

E segue com inteira justiça, abrindo a todos um caminho amplo por onde podem passar, em triunfo, todos aqueles que à sua terra queiram erguer as aspirações do seu talento numa comunhão de trabalho proveitoso e útil, firmando em alicerces inabaláveis uma história sagrada e avelhentada, que mais tarde pode levantar-se ufana e completa, como padrão mais honroso duma terra de trabalho e de lutadores.

E é assim a pouco e pouco, trabalhando de-vagar, em marcha comedida e regulada, que um dia, depois do exemplo firmado, a extensão necessária possa crescer até ao muito que é preciso fazer-se para que em proveito se colham resultados bastantes.

E vai então a Sociedade criando um ambiente de cultura, de ensino e de vantagem, juntando o útil ao agradável, tendo num superior intento o estímulo que vá a todos levar uma consolação de bem-estar e o preparo para o estreitamento associativo, com a utilidade de poder desenvolver-se em conjunto harmónico e bem dado, o que se perde por dispersivo e por capricioso abandonou.

E' da Sociedade, elegante Academia que tem demonstrado o quanto vale um pequeno esforço de actividade bem dirigida, que nós temos a esperar o inuito que é preciso fazer-se para que uma luta espiritual caminhe em batalha alevantada de ideal.

As conferências são a melhor recta de educação e de preparo.

Há meses as dos Srs. Dr. Gomes Teixeira e Dr. Trindade Coelho; há dias a do brilhante prosador e académico Sr. Dr. Antero de Figueiredo, que é essencialmente um poeta lírico, cantando na beleza da sua prosa cinzelada o melhor dos nossos campos, e mostrando em cenários de ridente paisagem, através das «Jornadas em Portugal», o quanto vale o seu poder de expressão, de enlêvo e de graça, e tendo para tudo quanto é belo e seja rigorosamente bom, lavado e puro, a sinceridade expansiva do seu sentir, vibrando com alma, com amor e com devoção.

Vai na sua arte tam cheia de expressão uma ternura tam íntima, que nos embala o coração, e tam iluminada e erguida ela é que a gente adormece à cadência ritmada da sua linguagem, tam corrente que parece bem o murmúrio encantado e saudoso dum veio de água fugindo na pureza de um arrelvado macio, por entre o lindo frescor das florinhas que nascem à ventura de Deus.

Foi uma festa linda. São sempre lindas e bem acolhidas as festas de arte, tam poucas e escassas elas são, nesta terra tam linda e tam rica!

A CONFERÊNCIA

Foi elegante e distinta a festa da noite de 19, na Sociedade M. Sarmento.

O salão nobre, era uma riqueza de luz e adôrno.

A atmosfera era de conforto, de sobriedade e de elegância.

Estava-se bem ali dentro. A assistência era escolhida, apresentada com rigor, com apurmo e distinção.

O *tercetto*, do qual faziam parte o compositor Armando Leça, Francisco Aguilera e João Lopes, executou com primor algumas operas dos melhores mestres da música.

A apresentação do conferente é feita pelo digno Presidente da Sociedade M. Sarmento, o Sr. Dr. Eduardo d'Almeida que, ainda incomodado e com voz um pouco enrouquecida, disse um resumo das seguintes palavras, que tinha escrito para pronunciar:

*E' no silêncio que a obra de arte se rasga de infinito e exalta de beleza ao nosso coração. Na manhã alegre da vida, antes da abalada para o mar largo. Na maguada brandura da tardinha, esmaecido lilás onde se perdem como murmúrios de prece o marulho das vagas e o cair distante do ângelus, quando se concentram as saudades violentas e os enganos puidos do sol, fôlhas sêcas da vida, rajadas de perturbação e angústia. No sobressalto dolorido e insomnio da vigília a um leito de enfermo, a um berço de criança; no pesadume da longa noite solitária, entreouvindo, como escoar segredoso de fantasmas, os passos de nossos avós, as avêmarias da nossa infância, o abrir em flor, o roborar em desejo, o estender em ânsia, a intensa palpação, ardendo em fogo, torcendo em chama, sulcando em labareda, tempestade que magnetiza e lacera, em súplicas e em gritos, em poesia e loucura... e vai caíndo em soluços e se desfaz em lágrimas... do nosso pequenino, do nosso sempre o mesmo, de todo o nosso drama.

No silêncio de bruma, adensado, pesaroso, como a projecção duma cruz. No silêncio forte, mordido de sol, em que o sangue estua e rufla, azougado e fatal — àvante no caminho da perdição porque é a via-sacra do sofrimento.

No silêncio distraído do amor. No silêncio-velhice.

...Então se trava conhecimento com o artista.

Já o nosso muudo feio de miséria, espreguiçado de habitualidade, rançoso de pasmo, é longe e vago; já a nossa vida, o ramerrão, o sacrificio, o descoroçoamento, se apouca e se distende, humilha-se e engrandece; acrisola-se a dor em levantada pureza ou em viva energia e sente-se mais azul e translúcida, com asas de fantasia, a própria esperauça.

A flor de ideal, fechada à luz crua do realismo — convenção social de mútuo engano adentro das balizas fixas — reabre-se orvalhando na via-láctea do sonho, e o nosso coração, mentira ou desgraça, bolsa de avarento ou coliseu de nero, vasa de pântano ou tesoiro de estrélas, bate com mais suave enternecimento humano.

A alma milagrosa dêsse criador de beleza, que ressurgue como lázarus os pedaços de infinito que andam sepultos no esquecimento dos fracos ou no egoismo dos maus, aparece com fúlgida e imprevisista espontaneidade a nossos olhos deslumbrados. É porque veio na hora do recolhimento em arrebató e se iluminou na admiração comovida, é assim que se grava em nosso espírito e delicadamente perdura, longos anos, retocando-se, perfazendo-se a um novo livro, ao folhear de velhas obras em que sempre encontramos pensamentos inéditos, novas perspectivas, lances imprevisitos.

A palavra em que tentamos defini-lo, inseparável da obra através da qual o conhecemos, se não é já em si uma nova porção de arte ou um estudo de psicologia crítica e estética, murcha como incolorida banalidade. Pode o elogio entumescer as redundâncias da frase feita, esbofar-se na fadeira a ver se trepa além do lugar comum, ir, com mais ou menos alindamento, repintando as gastas fórmulas — aquela admiração inteligente, com que o distinguíamos, não logrou significar-se, antes arremedou e chãmente desmereceu.

...Eu sinto bem, ao ler a obra de Antero de Figueiredo, o que nela me prende e mais sugestionadoramente me eucanta. Diria trechos que se insculpiram, pela formosura e pelo sentimento, na simpatia dos portugueses.

Tenho ido com êle, cego de côr, no êxtase do maravilhoso ritmo, como se cada gota de água cantasse em tortura e em enlêvo caído do musgo de sombrios muros nas poldras dos carreiros aldeinhos, de longada, por êsses mundos de Cristo, ou de beira em beira do nosso tam lindo, do nosso desconhecido Portugal...

Vi pelos seus olhos os dramas da nossa história, desvairos ou pérfidas belezas entontecedoras, e a história amorosa e anelante do nosso povo. Admiro a musical harmonia, a clareza assolhada, a apropriação elegante da sua linguagem admirável — arcadas de templo, vitralizações de sombra, rosmaninho agreste, estatuária principesca.

A sua luz tem tôdas as gradações da côr e a sua côr as mais intensas e as mais opalizadas, as mais berrantes e as mais doces e meigas cambiâncias. E nessa quermesse de fogo, bôcas de papoia rindo, verdes húmidos de veludo, estrondeadora de bailaricos, apressada de gôzo, cicia de beijos, às vezes o surpreendo espiando na alma entristecida e sonhadora a enorme sofreguidão do infinito.

Há perfume de bondade e frescura de graça na sua prosa — e os seus livros, que são como páginas de antologia, mas onde susurra um misterioso pensamento filosófico, estão bem entre a jarra de flores e a candeia da seroada à mesa do estudioso, como no cêsto de bilros ou no bastidor de bordados duma menina.

...Não, eu nunca me atreveria a descolar do pensamento a imagem consagrada ao artista para lhe ferir a nobre plástica com a salsugem do meu pobre verbo. Ergui-a no silêncio, admira-o no silêncio. E para lhe traduzir numa palavra só, ligeira e vulgar, tam às vezes pobrezinha de sentido quam repercutindo outras sentimentos profundos, o encanto das horas que me deu a sua obra e, neste momento, o enleio e a ânsia, a honra e o deleite da sua visita e de o ouvir, direi com todo o meu coração de filho desta terra e bem sentindo — «o amor das eras que morrem agarradas a quem se apegam» — obrigado!»

O notabilíssimo escritor e ilustre conferente, que tanto honrou a cidade de Guimarães e a nobre Sociedade Martins Sarmiento com a sua visita e com êste serão da mais elevada e harmoniosa arte, leu-nos, ouvido em profundo, recolhido silêncio, o prólogo — *Viajar* — e um capítulo — *A luz gótica da Catedral de Léon* — do

seu novo livro de viagens, já no prelo e a sair ainda no próximo verão, naturalmente em edição da casa Aillaud, de Lisboa, e intitulado, ao que supomos — *Espanha* —.

Não cometeremos o delicto jornalístico de substituir a prosa vernácula, pitoresca, soberbamente descritiva, dum grande relêvo, dum emotivo intelectual e culto, com um alto poder de colorido e sóbria e cativante luminosidade, por esta correnteia prosa insulsa de reportagem... que se não fêz, que tôda a nossa atenção estava afinal dominada, prêsa, no enfeitiço de escutar e escutar de-veras.

Sendo um escritor de nossos dias, *Antero de Figueiredo* impõe-se pelo classicismo da forma — a arte da sobriedade, da clareza elegante, o saber dizer com simplicidade, em conceitos, ou em páginas de vigorizante plástica, alcançando sem febricimosos ou cabriolas de retorcido estilo — êsse com que por aí deturpam o génio de *Fialho de Almeida*, os pretendidos e os ináximos efeitos.

Ouve-se, como se lê, num agrado de sugestão intelectual e enternecida, calmamente, como num recolhimento de jardim conventual, à sombra de muros toucados de frescas rosas e sentindo com religiosa lentidão, amarga e quasi doce, ir caíndo, em taça de musgoso granito, a água de cristal vinda dos altos montes, como de sua imaginação e fantasia, da cultura e do exame lhe descem à pena em veios fortes os pensamentos, as notas, os apropriados comentários.

Repare-se na boa forma, de Bernardes e Sousa, com que fala em *meus cuidados, meu pensar*, aligeirando-se da monotonia dos *os* e dos *as*, e na modulação, na cambiância com que, às vezes dentro do mesmo período, amolda o estilo à idea para que esta se imprima e brote com espontaneidade e graça. A fadiga não vem; não se pressente, o que é de admirável escola, a luta íntima do artista nas horas de composição, talhando, esculpindo, marmoreando a prosa, a que logo dá asas e borboletea ao sol em nítidas irrisiações.

Já nas *Recordações e Viagens* e no *Jornadas em Portugal* Antero de Figueiredo abordara o tema — *Viajar*. O seu novo prólogo é, porém, no intuito e na expressão, diferente e complementar dos outros. Simples como todos os vocábulos usuais, dum significado que o curso tornou restrito, êle vai pelo processo de penetração dum *Régner*, pelo processo dissociativo dum *Gourmont*, com limpidez brilhante de *Ramalho*, anotando as condições da viagem de sentimento e de cultura, essa que, à passagem dum monumento, se não limita ao boquiabrir de pasmo, sim o contempla e minucia, o estuda e detalha até se integrar — sentindo-o. Assim lhe falam as rústicas janelas adornadas de craveiros, as águas de Nápoles, a paisagem evangélica da Terra Santa — em que, como nas páginas mais subtis de *Maeterlinck*, a alma de Jesus nos aparece, de brancura excelsa, trazendo-nos todo o azul dêste pedaço de céu — «A paz seja convosco!» —

Onde se não iria com tam delicioso companheiro de viagem? Tudo nos fala e nos prende, as grandezas e as ninharias, a tinta violeta do crepúsculo, o assomar duma estrêla, até a pedrinha da rua, calcada, pisada pelo viandante alheio, pelo mendigo, pelas crianças que brincam e a magoam aos saltos de cabra.

O capítulo — *A luz gótica da Catedral de Léon* —, que o illustre conferente escolheu entre as páginas certamente movimentadas e pitorescas do seu livro, é uma confirmação magnifica dos pre-

ceitos de saber viajar, sôbre os quais no prefácio discorre, e das excellentes qualidades do artista contemplando uma obra maravilhosa da arte, como é essa Catedral que os espanhóis destacam no conhecido provérbio :

Sevilha en grandeza, Toledo en riqueza,
Compostella en fortaleza y Leon en gentileza.

¿ Como veio parar ali, a Castela Velha, e se edificou num solo aluvioso de areias esse monumento, cuja maravilha resulta da nobre simplicidade das linhas e tam destoante do feitio pletórico, da architectura, do plateresco e do churrigueresco da arte espanhola? Aqui nos dá o notável escritor uma síntese clara, de reflectido saber, dessa arte quente, sensual, pomposa. Por sua mão entramos e ajoelhamos no templo. E sôbre nós, como em quinta-feira de Ascensão, começa a chover dos vitrais, floridamente, maguadamente, a luz maviosa, a luz de tortura, a luz de suavidade, flores e côres, a púrpura e o amarelo-cera, o rosa de desmaio e o azul de sonho, tons femininos, tons luarizados, coados de prece e recolhimento.

A assemblea, distintíssima, estava verdadeiramente suspensa, dominada, e as últimas palavras do conferente foram logo cobertas por uma grande salva de palmas de tôdas as Senhoras e de todos os cavalheiros que tiveram a ventura de assistir a esta noite de encanto.»



Para não retardarmos a publicação dèste número, que excede já em muito o número de páginas annunciadas, deixamos de inserir o *Registo Bibliográfico*. Em o seguinte nêle se fará a devida referênciã a tôdas as obras com que nos honraram.

No cumprimento de uma promessa feita, prestaremos também no número de *Outubro-Dezembro* o preito de nossa homenagem e saudade à memória do nosso illustre sócio honorário *D. Leite de Castro*.